

A FORMAÇÃO DO EDUCADOR/A DO CAMPO A PARTIR DE “EXPERIÊNCIAS EXITOSAS”.

¹Sonilda F. da Silva Pereira

Eixo 7: Formação de professores (para a educação básica e superior)

Resumo: O artigo traz uma reflexão sobre a importância de uma formação diferenciada para os/as educadores/as do campo a partir das dificuldades e da exclusão histórica dos povos do campo e da floresta, a partir da vivência do MSTTR/FETAG. Descreve as experiências de um grupo de educadores de escolas municipais e estaduais, que há dez anos participam no espaço da Educação do Campo, na Expoiner, denominado “Grupo das Experiências exitosas”. Procura demonstrar que é possível fazer a educação do campo, incluindo aspectos culturais, espaços específicos, costumes, atividades diversas, enriquecendo e valorizando o espaço onde a criança vive. Faz uma reflexão ligando as experiências com o pensamento de escritores da educação do campo, demonstrando a necessidade de uma educação específica e constata a negação histórica dos povos do campo e da floresta. Reflete sobre a importância da legislação existente ser colocada em prática e fecha com uma reflexão sobre os desafios para os governos, movimentos sociais e sociedade. De reconhecer e incluir demandas que existem com relação a educação do campo.

Palavras-chave – Campo, educação do campo, educador/a, escolas do campo, educando/a, experiências exitosas.

Introdução

A intenção deste texto é fazer uma reflexão da necessidade/importância da formação que leve em consideração as especificidades de seu povo, da formação de educadores/as do campo, mostrando a partir de projetos, experiências, iniciativas dos movimentos sociais que faz diferença. No caso em pauta, é o relato das experiências do MSTTR²/FETAG/RS³ que tem “aberto caminhos” junto as comunidades escolares do campo, estimulando e coordenando ações, como do grupo de educadores/as de escolas do campo, denominado “Experiências Exitosas”. Demonstrando ao mesmo tempo o vazio institucional que há com relação a uma educação do campo e suas especificidades,

¹ Foi assessora de formação da FETAGRS durante 29 ano. É mestre em educação/UFRGS/2005.

² MSTTR – Movimento De trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

³ FETAGR/RS – Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul..

bem como do papel dos movimentos sociais no caso, do movimento sindical e da inclusão em suas lutas no Projeto de Sociedade do Movimento, a bandeira da educação do campo. Da importância estratégica em dar visibilidade para a educação do campo como uma forma de pressão pelo reconhecimento e da carência de construir e implementar políticas públicas, nesta área. E, procura relatar de forma didática o processo da experiência, do crescimento do grupo de 2005 (seu início) a 2011⁴.

Faz referência ao pensamento de alguns autores comprometidos com a educação do campo, como Miguel Arroyo, Caldart, Camini, Freire e Munarim, refletindo a educação do campo, fazendo a ligação com a caminhada do grupo das “Experiências Exitosas”

Por último aponta alguns dos desafios que os movimentos sociais e sindical, educadores/as e instituições podem implementar e construir no processo da sedimentação da educação do campo, para que se concretize na prática, contextualizando a educação, trazendo a tona as dificuldades da concretização do cumprimento das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, e resoluções nº. 1, nº. 2⁵, finalizando com alguns desafios e reflexões.

A FETAG/RS e seu papel na educação do Campo e na Defesa de uma Educação Específica para os/as Educadores/as do Campo.

A FETAG/RS é uma entidade de 2º. Grau, fundada em 06 de outubro de 1963, por dez Sindicatos de trabalhadores rurais. Suas bandeiras de luta iniciais foram as lutas pela previdência social e na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores rurais – Pequenos produtores, hoje Agricultores familiares, assalariados rurais, meeiros, parceiros e arrendatários e também trabalhadoras rurais reconhecidas como trabalhadoras rurais na constituição de 1988. Atualmente inclui com maior ênfase a categoria dos pecuaristas familiares⁶. A luta pela educação então vem desde essa época(1953), escrita nos anais dos seus congressos⁷ - “*Queremos uma educação adequada ao meio rural*”(p. 42, Anais do Congresso FETAG/RS, 1978.) Esses anseios transformados em propostas e depois em reivindicações que ampliavam para as questões de currículos, onde já apareciam as proposta e depois reivindicações como

⁴ Em 2012 o grupo esteve na EXPOINTER, em Esteio, realizando o seminário, distribuindo seu encarte especial com a síntese de projetos experiências de mais de 15 escolas. Neste ano a secretaria de educação trouxe algumas de suas escolas para o mesmo espaço.

⁵ Resolução CNE/CEB Nº 1 de 3 de abril de 2002, resolução Nº 2, de 28 de abril de 2008.

⁶ Passa a incluir esta categoria, a partir do ano de 2000.

⁷ Anais Congresso FETAGRS, dezembro de 1978. Seminário Maior de Viamão.

audiências nas Secretaria de Educação do Estado.: *“Um currículo adequado a realidade do meio rural e um calendário que atenda as diferes atividades do campo”*. (Seminário anual da FETAGRS. Vila Betânia/POA,1985). Nos anos 90, surge através da CONTAG⁸ o PADRS⁹, onde congrega idéia dos movimentos sociais e sindical, que mais tarde, na diversificação dos movimentos do campo, recebeu mais um “S” de solidário. Neste Projeto, um dos eixos foi a educação, que já trazia junto a palavra “do campo”, que até então para o movimento sindical, levava o nome de educação rural. A FETAGRS, cria Comissões para dar conta de sua ampliação em diversas áreas, onde na década de 80 organiza a Comissão Estadual de Educação, que tinha por objetivo discutir, refletir e fazer reivindicações, a partir dos problemas sentidos e vividos, conforme a sua missão, também gerada nesta década. Além disso, a Comissão propunha e organizava em conjunto com o diretor responsável e sua assessoria os seminários Estaduais de educação.

Nestes seminários participavam além das lideranças sindicais, a EMATER, alguns professores/as universitários convidados, e professores/as das escolas, na época rurais, convidados pelos STTR’S¹⁰. A partir daí, as lideranças sindicais passaram a ser convidadas para ir ás escolas, falar sobre sindicalismo. No inicio dos anos 90 as escolas começaram em determinadas regiões fazer parcerias com as lideranças sindicais. Em fim o MSTTR, FETAGRS e CONTAG sentiam que a educação oficial, oferecida pelo Estado/Nação não dava conta das demandas e nem preenchia as lacunas das especificidades sentidas pelos povos do campo e da floresta. Entenderam então que seu papel era de refletir, de reivindicar de fazer, dar exemplo, mas também de participar e cobrar.

Fez parte deste processo de alavancar a educação do campo, a iniciativa do grupo em buscar o sistema ARCAFAR – Associação das Casas Familiares Rurais e Escola Família Agrícola, processo que teve início no Estado e depois se enfraqueceu. Então no início dos anos 90, através da Comissão de Educação, a FETAG retomou discussões trazendo para sim a responsabilidade, incentivando, buscando apoio e propondo um projeto com recursos financeiros, através do SENAR¹¹, para manter as referidas escolas, além de fazer uma campanha de esclarecimento sobre a inovação na

⁸ Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

⁹ Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável – um projeto já socializado entre outros movimentos sociais e do campo.

¹⁰ STTR’ S- Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

¹¹ SENAR –Serviço Nacional de Assistência Rural.

educação que as CFR¹² poderiam trazer para a juventude rural. Assim, através de sua estrutura criou um grupo para incentivar as casas. Isso deu uma nova dinâmica para o sistema. As casas que hoje continuam suas funções em maior número, embora outras novamente se desestruturaram. Atualmente, a casa que está situada em Frederico Westphalem, conseguiu avançar com relação ao reconhecimento legal da pedagogia da alternância, mas foi um processo individual¹³ e as demais continuam pressionando, dentro dos trâmites legais pelo reconhecimento no Conselho Estadual de Educação.

O grupo das experiências Exitosas – Histórico

As Experiências Exitosas são projetos que estavam dando certo nas escolas, tinham êxito, o que no dicionário significa, sucesso, triunfo, vitória, entre outros sinônimos. E era exatamente isso que o Movimento Sindical e a Comissão de Educação desejava e acreditava, que deveria acontecer - a demonstração de que no meio rural, campo, existia, existe sucesso, triunfo e vitórias... Que ter força de vontade, acreditar e lutar por políticas públicas adequadas, que se consegue avançar, buscando condições e espaços.

Um dos primeiros Sindicatos foi de Santo Ângelo, em parceria com 3 escolas uma estadual e duas municipais, colocando para a FETAGRS. Esta a partir daí, passou a entrar em contato e visitar com várias escolas indicadas por suas lideranças, experiências ligadas ao meio ambiente, ao desenvolvimento rural sustentável, ao resgate da cultura dos quilombolas e povos, de autoestima, de produção de mudas e semente, entre outras. Assim, dessas pequenas experiências visitadas pela Comissão Estadual...

“Este grupo surgiu a partir da comissão de educação ao visitar algumas experiências diferentes onde nasceu a idéia de formar um grupo das escolas que tinham algumas experiências diferentes na área da educação profissional. Denominamos esse grupo de “Grupo das Experiências Exitosas”. (p.176; LUNAS E ROCHA, 2009).

O grupo iniciou fazendo reflexões sobre a educação do campo em várias reuniões e seminários, e principalmente reflexões a partir do pensamento de Paulo Freire. Buscando o fio condutor da valorização das pessoas enquanto gente. Refletindo principalmente com relação à Pedagogia do Oprimido, onde Freire trazia a importância do educador para com os conhecimentos do educando, baseados em sua cultura e classe que pertencia.

¹² CFR -Casas Familiares Rurais.

¹³ Desconheço se o reconhecimento foi individual por ser legal, ou se foi a forma de encaminhamento da ARCAFAR.

“A resistência, do professor por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionado por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui um obstáculo à sua experiência de conhecimento” (FREIRE, p.122;1996)

E em 2004 começou a fazer parte de um espaço criando, no pavilhão da agricultura familiar, na Expointer – Exposição Internacional da Agropecuária, em Esteio evento que acontece anualmente. Estas escolas começaram então a sistematizar suas experiências a partir das definições da comissão, era preciso ter os projetos sistematizados, não bastava apresentar como funcionavam na prática.

Editou três revistas intitulada ”Revista da Educação Rural¹⁴” onde as 23 escolas mostraram suas experiências, porém apenas 9 conseguiram sistematizar seus projetos, onde constava o nome da escola, a localização, o número de alunos e de professores, bem como as séries que participavam do projeto, por último os resultados obtidos. Nesta revista, além das experiências foram escritos alguns artigos, refletindo a sobre a necessidade de uma educação do campo, voltada para a realidade dos povos que lá vivem, levando em conta as especificidades de suas vivências e práticas cotidianas. Por isso os projetos que chamaram atenção traziam práticas, vivências e experimentos trocados entre Educandos/as e educadore/as. Tratavam das mais diversas temáticas, como: projetos sobre meio ambiente, plantio de ervas medicinais, desenvolvimento rural sustentável, resgate da cultura, produção de mudas, sobre meio ambiente, entre outras temáticas. Em 2006, o grupo de educadores/as começou cedo, fazendo avaliação das escolas que se apresentaram durante a exposição, de como poderiam melhorar e se desafiaram a escrever uma proposta Político-pedagógica do meio rural. A escrita coletiva foi desafiadora e mostrou as contradições e concepções das várias formas, jeitos de como era vista a educação do meio rural. Na escrita o grupo foi procurando pontuar princípios de uma pedagogia do campo, reconhecendo que as escolas em sua essência pedagógica possuem valores, currículo e cultura urbanas (LUNAS e ROCHA, p.180;2009). E assim a 2ª e revista foi editada, pelo grupo, que constava além da proposta político-pedagógica, o relato de novas experiências e de outras com seus processos em andamento. A 3ª e última revista, foi editada em 2008, foi o relato mais apurado onde foi contratado um educador para fazer a formação de educadores/as que

¹⁴ Por que Educação Rural, por que apesar de haver Diretrizes da Educação do Campo, a palavra campo para o público do MSTTR estava ligado apenas a “campanha” e aos grandes fazendeiros. Para a liderança, sindical educação rural, pois era no meio rural que eles residiam. Somente mais tarde, a partir do momento em que as Diretrizes Operacionais de Educação Básica das Escolas do Campo, começaram a ser estudadas e refletidas, é que a Federação e sua comissão trocaram a habitual educação rural por educação do campo, aceitando a concepção histórica e sociológica do significado de campo.

faziam parte das experiências exitosas. A partir de 2008, não se editou uma revista, mas um Encarte Especial em forma de jornal, com a publicação das experiências que é lançado em um evento/seminário da área, distribuído entre as escolas e durante a Expointer, aos que visitam o estande das “Experiências Exitosas”, no local.

Muitas escolas saíram e voltaram. Outras novas se incluíram. Essas mudanças foram principalmente nas escolas municipais, e estão ligadas aos políticos administrativos de cada gestão.

Desta vez organizou-se um cronograma, para que cada escola pudesse estar presente e que nem um dia, estivesse com espaços vazios¹⁵.

O processo das experiências se dão em 4 momentos: Da apresentação dos projetos, atividade que acontece no espaço das experiências para o público da feira; das manifestações lúdicas das crianças; das trocas de experiências entre as escolas, inclusive com relatos de visitas que já aconteceram, por volta de 10, segundo os educadores/as e dos seminários onde em geral acontecem palestras com professores universitários e é o momento do lançamento do “encarte especial” onde estão relatados os projetos das escolas.

Como acontecem as apresentações das experiências:

O espaço onde ficam as escolas é no pavilhão da agricultura, na parte dos fundos, onde todos os corredores que passam pelos estandes da agroindústria familiar, artesanatos, flores, mudas, terminam em frente ao palco no espaço da educação do campo. Em geral são de 5 a 6 escolas por dia, e ficam entre 2 a 3 dias. Apenas as escolas do município de Monte Negro, ficam toda a semana, expondo os vários projetos/experiências. Cada escola ornamenta com cartazes, flores e folhagem seu espaço, ilustrando a partir do experimento que apresentam. Demonstrem, através da síntese das experiências em pastas, com fotos e o processo como se dão passo a passo. Além de fotos panfletos e a síntese, que ficam expostas em mesas, para o público que visita. As demonstrações práticas são muitas vezes apresentadas pelas crianças acompanhadas pelos educadores. As experiências são das mais variadas, como por exemplo, um experimento engendrado com aproveitamento de canos de PVC para fazer pequenas hortas suspensas ou de garrafas de refrigerantes para plantar flores, temperos, etc. Um outro olhar é o incentivo a criação de pequenas cooperativas escolares, onde as crianças aprendiam e exercitam o associativismo, organizavam eleições. Estes projetos

¹⁵ Até por que o expositores de artesanatos e de produtos da agroindústria familiar, estão se expandindo e ficam sempre pressionando para ocuparem aquele espaço.

são sistematizados com fotos das práticas e dos resultados, são enviados para o departamento de formação da FETAGRS que após revisar em conjunto com a assessoria de imprensa, é editado o encarte. Na síntese das experiências, é relatado como o educador/a pode trabalhar, a partir da experiência, os conteúdos programáticos, junto a natureza, mudando o espaço da sala de aula para a horta ou á sombra de uma árvore.

São apresentadas artísticas com resgate cultural das comunidades, onde através de danças, cantos, poesias e encenações, as crianças trazem á tona o resgate das imigrações e dos folclores de suas etnias. Essas manifestações acontecem, ao lado onde estão sendo expostas as Experiências Exitosas, num pequeno palco onde as apresentações são anunciadas com horários marcados no cronograma, já organizados em reuniões que antecedem a vinda para a feira. Esta atividade dá visibilidade ao espaço da Educação do Campo, pois o público que está no pavilhão da agricultura familiar em geral tem apreciado.

E ainda fazendo parte da educação, todos os anos é organizado,,um seminário, com palestrantes de universidades, como UFRGS, UNIJUÌ, UNISSINOS, representantes do MEC e da Secretaria de educação, onde acontecem palestras com relação a educação do campo, formação de educadores entre outro temas. No final é lançado, o encarte com as experiências, que lá estão expostas. São editados por volta de 4 mil exemplares, onde cada escola distribui nas escolas e aos visitantes, na EXPOINTER.¹⁶

Assim se passaram nestes últimos 8 anos por volta de 80 projetos/experimentos, consideradas pelas escolas “exitosos”, por volta de 300 educadores e mais de 500 crianças/adolescentes. Nesse processo, não só as escolas vão trocando, mas da mesma escola, os/as educadores/as vão fazendo um rodízio juntamente com os Educandos. No ano de 2011 o encarte foi lançado com 12 experiências em seus respectivos municípios em 16 escolas. São os municípios de Taquara com 5 escolas, Rolante, Ivoti, Santa Cruz do Sul, com a Escola Família Agrícola,Roca Sales, Pelotas, Montenegro,, Bom Retiro do Sul, São Sepé e Ibiraiaras, estes com 1 escola. Além das Casas Familiares Rurais, que fazem parte deste grupo, desde a sua fundação. As Experiências vão desde escola ativa, ervas medicinais, hortas orgânicas, hortas suspensas em canos de PVC e projeto de qualidade de vida que faz um resgate da alimentação como eram produzidos

¹⁶ Exposição Internacional .

antigamente e como são produzidos hoje. Desta forma, acredita-se que ao possibilitar a visibilidade das escolas do campo, naquele espaço, o movimento sindical tem procurado incentivar as mesmas, através de seus educadores/as nesse processo de troca de informações.

O Desafio de Colocar as Diretrizes de Educação do Campo em Prática

O MSTTR vem procurando participar de muitas atividades, discussões e reflexões junto à Secretaria Estadual de Educação, levando seus pleitos desde a sua fundação. Teve participação ativa quando da constituinte escolar, no governo Olívio Dutra, desde a sua construção até a sua participação na plenária estadual. Participou das discussões quando da criação da UERGRS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, bem como depois de aprovada, da comissão, na elaboração de cursos e currículos que levassem em conta a especificidade do campo.

Dessa forma não foi diferente quando participou nas reuniões através da CONTAG, contribuindo na construção das Diretrizes de Educação Básica para as Escolas do Campo.

E a partir de abril de 2002, passou a discutir as diretrizes nas reuniões da Comissão de Educação, colocando em pauta as reivindicações da categoria. A partir de 2005, ao observar que existia uma lei, mas que era letra morta, sem visibilidade nem no estado nem nos municípios, começou um processo de organização de seminários regionais de dois dias, para discutir a educação do campo e a reflexão essas Diretrizes .

Assim, pode-se observar a invisibilidade e o desconhecimento destas Diretrizes, a partir dos seminários regionais, onde reunia-se com educadores/as do campo, tanto de escolas municipais como estaduais, com coordenadoras de educação do estado, secretários municipais de educação, jovens das CFR, estudantes do ensino médio e lideranças sindicais. Enquanto movimento sindical sabe-se de que a simples existência da legislação, não garante sua prática, principalmente em um país que negou a existência do campo em detrimento das cidades. Onde intelectuais escreveram teses afirmando que o campo era um espaço em extinção, ao levarem em consideração o êxodo rural e a industrialização das cidades..

Mas o movimento sindical entre outros movimentos sociais, tem procurado fazer ações... Colocando em seus projetos de sociedade a Educação do campo, como uma bandeira de luta. Resta refletir se tem estratégias adequadas. E se coloca essa reflexão quando constata-se que mesma com esforço, o estado do RGS, entre 2007 a 2010

fechou/extinguiu/descredenciou, 267 escolas, no Brasil, nos últimos 5 anos fecharam 13, 691 escolas (MEC/INEP- Censo Escolar de Educação de 2010.SIED/MEC/INEP- Censo Escolar – Dados do PRONACAMPO/MEC/março de 2012).

Se as diretrizes, como os movimentos esperavam que fossem abrir no mínimo uma discussão para o assunto: Educação do Campo, porque tantas escolas foram fechadas? Ou talvez os números vieram a tona porque atualmente existe uma legislação? Assim negação segundo Arroyo de que:

“são sujeitos coletivos de políticas de formação de docentes- educadores” , de que - “São deles e de suas lutas por terra, território, agricultura camponesa e Reforma Agrária que partem a defesa de cursos de Pedagogia da Terra e de formação de professores do campo” (Arroyo, p.360:2012).

Ou ainda, a negação do desconhecimento de que existem projetos de educação em processo no campo é o que faz, talvez, a demora de se colocar as poucas políticas públicas existentes, em prática?

Algumas reflexões de pensadores da educação do campo.

As tentativas de estabelecer referências com relação há uma educação do campo, não pode ser vista como a devolução, o reconhecimento dos povos do campo e da floresta, com relação a sua exclusão por séculos das políticas públicas. É então a tentativa da sociedade instituída de pagar uma “dívida histórica”, (Munarim, p. 24;2006.) para com esses povos que nas últimas décadas, algumas legislações ainda que sob pressão, tem sido regulamentada? Acredita-se que sim. Neste sentido é reconhecer as lutas dos movimentos sociais e sindicais, reconhecer que existem necessidades de uma política diferenciada, mas não separada dos conhecimentos existentes. É uma maneira de incorporar ao que já existe, de reconhecê-los.

De reconhecer que lá existem saberes - conhecimentos do campo, que mesmo na intolerância, no anonimato, e na negação da educação desses povos, eles se organizaram, produziram, teorizaram e sistematizaram suas práticas, suas reflexões e acumularam conhecimentos, principalmente ao longo das últimas décadas.

De que não se pode pensar em desenvolvimento, sem trazer a realidade, que está no campo. Da necessidade de “superção do paradigma de que tudo o que é do campo representa o atraso e de que o urbano é igual a desenvolvimento” (Munarim, p.19). Ver o campo como possibilidade de um “modo de vida”. Reconhecer que existem no campo, espaços de desenvolvimento e possibilidades para mais e maiores evoluções. É o novo paradigma que precisa ser construído. A necessidade do desenvolvimento do campo através de políticas públicas, que alavanquem processos de organização dos grupos que lá

resistem, são fundamentais , já que são eles, os guardiões da natureza, que teima em se regenerar, incessantemente, apesar de estar tão descuidada ...

O MST faz sua formação como no caso dos cursos de Pedagogia da Terra em Veranópolis, da formação de Educadores/as e das escolas Intinerantes, na luta para não deixar sem escolas “os sem terrinhas” nos acampamentos de trabalhadores/as rurais, sem terra. Assim, “*O mundo da criança do acampamento, é um mundo composto de histórias reais que estão diretamente ligada a sua história de vida...* (CAMINI, p. 177, 2009).

Por outro lado, observa-se que é uma realidade presente, parida, e não reconhecida. Apesar da “concretude da existência da criança e do parto”, se faz necessário mais unanimidade, nos espaços de governos, entre profissionais da área, acadêmicos/as e educadores do ensino médio e fundamental. A demanda surge de grupos organizados, movimentos sociais e sindical que sentem, que vivenciam os problemas e carências, se manifestando e pressionando, construindo seus espaços de reflexão. Nesta concepção, certamente haverá muitas descobertas de vivências, conhecimentos e práticas em relação, e com a natureza, que os sujeitos urbanos desconhecem. Ou conhecem precariamente com o preconceito do atraso e da visão dos pressupostos de um desenvolvimento unilateral, ou ainda de que no campo não há desenvolvimento. Essa reflexão, incipiente para muitos, tem uma caminhada de mais de uma década. Esta afirmação se baseia no livro nº 3, do Projeto Popular e Escolas do Campo, de 2000, onde Caldart (BENJAMIM e CALDART, PP 51-17:2000.) trazem á tona a pedagogia em movimento, a pedagogia da luta social, a pedagogia da organização coletiva, a pedagogia da terra e da escolha, entre outras. Ali é escrito “Um Novo Projeto do Campo”. Mostram que existem outros tantos caminhos, que são descobertas sistematizadas e teorizadas, muitas já ao alcance dos movimentos e daqueles que se interessam, se preocupam com a “gente do campo”.

Desta forma, é ainda um desafio para os movimentos e intelectuais comprometidos com a luta, terem o reconhecimento da sua capacidade e da existência de um conhecimento produzido. Socorro afirma que é preciso, “(...) identificar a contribuição a o diálogo da produção pedagógica dos movimentos sociais.”(Socorro, p.61,2006).¹⁷ Assim vários autores/educadores/as, problematizam as desconfianças de um sistema que segregou e negou o rural em detrimento dos centros urbanos, entendendo que é preciso avançar no reconhecimento dos saberes concretos e já teoricamente de conhecimento de uma parte da sociedade.

¹⁷ Educação do Campo e Pesquisa. Questões para Refletir.

Desafios e reflexões finais para os movimentos sociais e sindical do campo

São vários os desafios, a começar pela derrubada da tese de que o povo do campo está em uma situação provisória, em extinção. Até por que não teria motivos da existência de políticas públicas para uma parte da sociedade que vai desaparecer, e aí os programas paliativos, seriam a solução. Na sistematização acima destaca-se o grupo de educadores/as das Experiências Exitosas” que persistem demonstrando que lá existe sim vida, dinamismo, desenvolvimento e criatividade, mas que os governos instituídos tem o dever de fazer a sua parte.

Entender que viver no campo é uma opção de vida, e que precisa ser encarada pelos governos e sociedade. Ampliar a criação de cursos nas universidades, com o foco nas práticas, vivências das especificidades dos povos do campo e da floresta. Reconhecer, que esta população precisa ser pesquisada e a partir daí fazer diagnóstico e criar políticas adequadas. Acredita-se que, só assim podem conhecer e “encharcar-se” daquela realidade e a partir das vivências, dos conhecimentos do que já existe, entender e ampliar a pedagogia anteriormente citada por Benjamin e Caldart.

Nas experiências exitosas, valorizadas pelo coletivo de educação do MSTTR, observa-se que muitos de seus educadores/as, participam dos eventos e seminários da FETAGRS, na busca de conhecimentos, de formação. Muitos colocam a necessidade de cursos de educadores/as com a especificidade do campo. De que nas universidades tiveram dificuldades de encontrar um/a orientador/a, quando escolheram para pesquisar em seus trabalhos de conclusão a educação do campo. Por isso cabe aqui a reflexão de Arroyo, que destaca, com relação à formação de professores:

“(...) a formação privilegia a visão urbana, vê os povos-escolas do campo como uma espécie em extinção, e privilegia transportes para as escolas do campo, professores da cidade sem vínculos com a cultura e os saberes dos povos do campo.” (Arroyo, p.359; 2012).

Arroyo (p.360; 2012) ainda comenta que não são apenas mudanças na formação dos cursos de educadores/as, é uma mudança mais profunda das políticas públicas das instâncias governamentais que precisam compreender, assim como a academia e reconhecer estes novos conhecimentos, incorporando-os em suas práticas, atividades e projetos cotidianos.

Apesar de que nestas seara os movimentos sociais e sindicais deram uma prova de que é possível sim estabelecer espaços de atuação/aceitação em comum, quando estavam todos juntos no lançamento do PRONACAMPO – Programa Nacional de Educação do Campo, em março de 2012. Neste evento uma representante do MST

entregou um livro á presidenta Dilma, intitulado “Dicionário da Educação do Campo”, um compendio vasto e “preche de conhecimentos,” organizado por Caldart¹⁸, Pereira, Alentejano e Frigotto¹⁹ com artigos de mais de cem escritores/as, que atuam, vivenciam, escrevem e defendem a educação do campo. Fica a preocupação de que os programas governamentais se transformem em políticas públicas, e ao serem transformadas, se crie estratégias e possibilidades para seu conhecimento e sua aplicação para dentro da sociedade, das instituições e instâncias governamentais. É necessário mobilização, compromisso e respeito pela educação do campo... Então muito se tem a apreender, por isso, pressa!

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, G. Miguel. Formação de Educadores do Campo. pp.359-365. Dicionário da Educação do Campo. Org. Caldart, Roseli Salet. Rio de Janeiro, Expressão Popular, 2012.

BENJAMIM, César, CALDART, Roseli Salet. Projeto popular e escolas do campo. Por uma educação básica do campo. Nº 3. Brasília: Editora Peres, 1997.

CAMINI, Isabela. Escola Itinerante – na fronteira de uma nova escola. São Paulo:Expressão Popular, 2009.

CRUZ, Airton Ávila da, SCHIAVO, Joceli, VIER, Lotário, Hintz, Elizete H., PEREIRA, Sonilda da Silva. Formação de Monitores da Casa Familiar Rural: Educação: um desafio, várias perspectivas. Práticas Pedagógicas e Formação de educadores (as) do campo. PP 175-188. (Org.) LUNES, Alessandra da Costa, ROCHA, Eleine Novaes Brasília: Dupligráfica, 2009.

MUNARIM, Antonio. Elementos para uma política pública de Educação do Campo. PP 15-26. MOLINA, Mônica Castagna (org.). Educação do Campo Pesquisa – Questões para Reflexão. Brasília: MDA, 2006.

FREIRE. Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MÉZÁROS. Isteván. Educação para além do capital. Trd. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

¹⁸ Roseli Caldart, escritora de vários livros sobre a temática – Educação do campo.

¹⁹ Gaudêncio Frigotto, escritor renomado, [[Universidade do Estado do Rio de Janeiro]] (UERJ). Ministra, ainda, as disciplinas de Epistemologia da Educação e Teoria da Educação no Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Políticas Públicas e Formação Humana, também da UERJ. É autor e co-autor de mais de 20 livros e de dezenas de artigos em revistas nacionais e internacionais.